

O EVOLUCIONISMO NA ANTROPOLOGIA

META

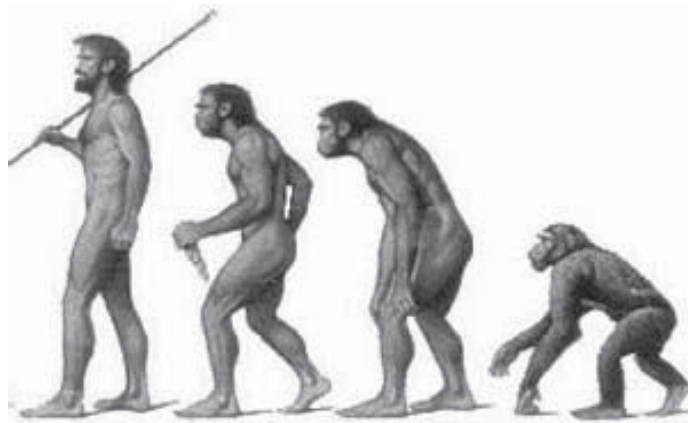
Apresentar o pensamento evolucionista no âmbito da antropologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:
interpretar de forma crítica o pensamento evolucionista.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer os objetivos da antropologia; conhecer os conceitos básicos da antropologia; e conhecer os principais métodos e técnicas para o desenvolvimento da pesquisa em antropologia.



INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas aulas vocês tiveram acesso a informações importantes acerca da antropologia: definição, objeto de pesquisa, limites da prática antropológica, além dos métodos que contribuíram no início da construção da antropologia: o método comparativo dos evolucionistas, fundamentado na narrativa histórica e na identificação das semelhanças; e o método comparativo desenvolvido por Franz Boas, fundamentado na comparação de grupos particulares, preocupado em identificar e analisar as diferenças.

No processo de construção de uma ciência, as correntes de pensamento vão sendo consolidadas, quase sempre em função das idéias predominantes em seus respectivos contextos históricos. A antropologia passou, também, por essas mesmas etapas e construiu escolas que contribuíram para a consolidação da ciência. As principais escolas antropológicas, desde a fundação até os nossos dias, são as seguintes: evolucionismo, culturalismo americano ou particularismo histórico, funcionalismo, estruturalismo e interpretativismo. Neste curso você terá acesso às escolas evolucionista e funcionalista, bem como as características principais do particularismo histórico. E, nesta aula em particular, apresentarei as principais idéias e os principais pensadores do evolucionismo.

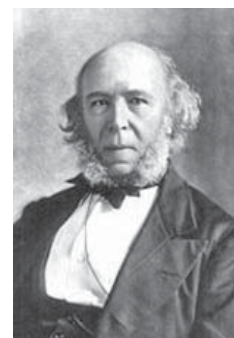


EVOLUCIONISMO

O evolucionismo cultural se desenvolveu a partir da segunda metade do século XIX, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, por meio de autores que, institucionalmente se identificavam como antropólogos – Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1919) e James George Frazer (1854-1941) –, mas também com autores que não se identificavam como antropólogos, mas que a pesquisa e os textos produzidos eram partes da chamada antropologia clássica. O mais importante desses autores, e que não será estudado nesta aula, é **Herbert Spencer**, filósofo inglês que nasceu no dia 27 de abril de 1820 e faleceu no dia 08 de dezembro de 1903. Por que considerarei apenas os três inicialmente citados? Primeiro, porque, mesmo em suas épocas eles se identificavam como antropólogos; Segundo, porque são considerados os “pais fundadores da antropologia”, tendo, portanto, importância histórica na construção e consolidação da antropologia; terceiro, e, sobretudo, porque esses autores foram capazes de produzir uma síntese da teoria e dos métodos que caracterizaram o evolucionismo cultural de suas épocas.

Comum aos três autores foi a diversidade de formação e o encaminhamento, por meio das pesquisas e da produção de textos, para o conhecimento antropológico. Morgan se formou em direito, em 1842, e se dedicou, na seqüência da sua formação, ao estudo das relações de parentescos, principalmente dos iroqueses (grupo nativo que viveu na América do Norte), encaminhando-se, dessa forma, para os estudos da antropologia clássica. Tylor nunca cursou uma universidade, iniciando a sua formação depois de viagem que fez ao México, escrevendo o seu primeiro livro e enveredando pelos caminhos da pesquisa antropológica. Já Frazer, formado pela Universidade de Glasgow (Escócia) em 1874, desenvolveu estudos sobre os autores clássicos da Grécia e de Roma, lendo-os no original, o que lhe garantiu bolsa de estudo, renovada sucessivamente, até o fim dos seus dias.

As correntes ou escolas de pensamentos espelham as suas respectivas épocas históricas. No caso da antropologia evolucionista não foi diferente. Predominou nesse período o pensamento produzido por Charles Darwin (1809-1882), através do livro *Origem das espécies*, publicado em 1859, que afirmava, dentre outras coisas, “que as espécies existentes haviam se desenvolvido lentamente a partir de formas de vidas anteriores, e apontou como mecanismo principal desse processo a teoria da seleção natural através de variações acidentais”. (CASTRO, 2004, p. 24-25). O ponto principal desse pensamento era a evolução fundamentada na idéia de progresso, portanto, bem coerente com aquele momento histórico dominado pelo iluminismo e pelo capitalismo. Outro fator importante para a aceitação das teses contidas na evolução biológica se refere ao alargamento do período histórico

**Herbert Spencer**

Filósofo e sociólogo inglês (1820-1903). Aplicou as teorias de Charles Darwin ao estudo da sociedade, elaborado o chamado “darwinismo social”, embora jamais tenha utilizado o termo. É autor de *O indivíduo contra o estado* (1884).

que, a partir das pesquisas científicas, o colocaram bem a frente do tempo histórico bíblico, ampliando as possibilidades de aceitação da idéia de que o homem descenderia de formas inferiores.

Pretéritas

Que passou;
passado.

Óbvio

Que está diante
dos olhos.

Dessas concepções biológicas para a construção do evolucionismo cultural foi um pulo. Contudo, diferente do darwinismo que não postulava uma direção única para o progresso ou evolução, o evolucionismo cultural se consolidou através da idéia de evolução linear da humanidade, ou seja, todos os homens, em épocas e lugares distintos, passariam necessariamente pelos mesmos estágios de desenvolvimento. A seguir apresentarei as principais características dessa corrente de pensamento da antropologia, todas já apresentadas superficialmente em aulas **pretéritas**.

A primeira característica, e isto aparece como **óbvio**, é a idéia de evolução para todos os homens, em todas as épocas e em todos os lugares. Mesmo sendo óbvio, havia, porém, um problema fundamental para ser resolvido: como aplicar essa tese diante da enorme diversidade de povos e de culturas? Os evolucionistas resolveram esse problema reduzindo as diferenças dos fenômenos culturais, colocando-os em estágios históricos de desenvolvimento. Isto é, a análise do homem como ser cultural passou a ser feita a partir da comparação dos seus fenômenos, buscando suprimir as diferenças ou, ao menos, minimizando-as em favor das semelhanças para, dessa forma, alcançar o proposto, ou seja, os famosos estágios de desenvolvimento: selvageria, barbárie e civilização.

Aqui deve ficar claro que o ponto de partida da análise era a sociedade do pesquisador, o povo europeu; e que os demais povos estariam nos estágios históricos anteriores. Entendiam os evolucionistas que para conhecer o mundo europeu era necessário conhecer os grupos tratados como primitivos, seus antepassados. Assim pensado, o evolucionista coletava informações sobre parentesco, magia e religião preocupado em listar o maior número dessas evidências e depois catalogá-las nos estágios previamente construídos.

Veja um exemplo de como funcionava a prática da pesquisa evolucionista: os estágios, como já vistos, eram selvageria, barbárie e civilização. A civilização era o estágio do pesquisador, portanto não necessitava ser desvendado, tendo em vista que havia uma prévia compreensão de que este já era suficientemente conhecido. Os dois outros estágios eram destinados aos povos dos novos mundos contatados a partir do século XV e XVI. A partir desses estágios todo o estudo se desenvolvia. Por exemplo, no caso da religião, havia também três estágios: magia, dos povos mais primitivos; religião, daqueles grupos que haviam produzido ritos mais complexos nas suas práticas; e, no terceiro estágio, os civilizados apareciam como os utiliza-



dores da ciência para explicar o mundo. A pesquisa coletava e o pesquisador, a partir das similitudes, ia colocando os fenômenos nos respectivos estágios sem maiores preocupações em analisar cada um a partir dos seus contextos.

Outra característica do evolucionismo foi o método comparativo. Como este já foi objeto de estudo da aula anterior, não apresenta as maiores informações a respeito, mas recomendo a sua releitura. A última característica se refere ao pesquisador que, nessa corrente de pensamento, era intitulado “antropólogo de gabinete”. Esse pesquisador não tinha maiores preocupações com dois aspectos da antropologia, que, na seqüência histórica da ciência, passaram a ser fundamentais: o estudo de povos particulares e a confiabilidade das informações coletadas.

Como os antropólogos evolucionistas estavam preocupados na construção ou reconstrução de uma história linear da humanidade, os grupos ou comunidades particulares perdiam importância e eram relegados a um plano secundário. Pensavam os evolucionistas não haver



(Fonte: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br>)

qualquer necessidade de contextualizar os fenômenos culturais de cada povo, ao contrário, eles apenas coletavam as informações, comparava-as e as registrava no interior dos estágios de desenvolvimento. Ao não contextualizar os fenômenos culturais estudados o evolucionista perdia muito em relação ao resultado final do trabalho, na medida em que deixava de relacionar os aspectos particulares às influências internas e externas do processo de construção.

Outro aspecto negligenciado pelos evolucionistas refere-se à confiabilidade dos dados coletados. O antropólogo de gabinete não realizava a pesquisa de campo. Quem então as realizava? Essa tarefa era delegada a terceiros: missionários, comerciantes, viajantes ou quaisquer outros que eventualmente pudessem oferecer algum tipo de informação a respeito dos povos pesquisados. Ora, esses observadores, em geral, não tinham qualquer formação que lhes permitisse realizar a coleta de dados sob os fundamentos da ciência em construção. Portanto, a observação acontecia a partir das suas próprias perspectivas ou visões de mundo. O observador atuava muito mais como um turista de férias, preocupado com a natureza e com os seus fenômenos, que como um pesquisador a serviço da ciência, preocupado em identificar os fenômenos culturais que pudessem contribuir para melhorar a compreensão do grupo social observado. Mesmo que o antropólogo de gabinete tivesse o cuidado de utilizar vários relatos sobre um mesmo fenômeno, tentando atestar a possibilidade de recorrência, ainda assim o resultado era passível de grandes desconfiâncias, sem que isso, contudo, anulasse o trabalho desenvolvido.



ATIVIDADES

Depois de ler a aula de hoje você está sendo desafiado a mergulhar nesse conhecimento oferecido e apresentar os pontos mais importantes do evolucionismo, tentando relacioná-los aos fenômenos culturais observáveis em sua comunidade local: a feira, a paróquia da cidade, o grupo folclórico, etc. Aplique o método desenvolvido pelos evolucionistas.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É sempre bom lembrar que qualquer atividade deve ser precedida de nova leitura do texto apresentado como aula. Ao reler o texto você vai perceber, mais uma vez, que as características principais do evolucionismo são: evolução linear da humanidade; método comparativo e o trabalho desenvolvido a partir do gabinete do pesquisador.

CONCLUSÃO

Mesmo que as limitações do conhecimento antropológico possam ser apontados, e as apontamos nesta e em ou tras aulas depois de mais de cem anos, ainda assim é possível reconhecer os méritos daqueles estudiosos, sobretudo, o mérito de tentar construir, e de ter construído, em certo sentido, um gigantesco acervo etnográfico da humanidade. O que isso significou? Eles foram capazes, mesmo com as limitações já apontadas, de reconstruir, em grande medida, a história, ainda que linear, de povos e de suas culturas na Ásia, África, América e Oceania. Este é um legado que ainda hoje tem sido utilizado por jovens pesquisadores dessa área de conhecimento no âmbito das ciências humanas.

RESUMO

O evolucionismo foi uma escola do pensamento antropológico predominante no século XIX, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, identificado com os ideais de progresso, portanto de evolução, influenciado pela evolução biológica de Charles Darwin e o seu livro “Origem das espécies”. Fundamentava-se na idéia de história linear para todos os homens, em todos os lugares e em todas as épocas; e justificava as suas teses a partir do método comparativo que privilegiava a história e a constatação das



similitudes, com vistas ao mapeamento dos estágios de desenvolvimento: selvageria, barbárie e civilização.

AUTOAVALIAÇÃO

Bem, a aula de hoje foi interessante! Novas informações sobre o trabalho do antropólogo foram apresentadas, mas confesso que não estou ainda bem certo sobre o que o professor quis dizer com história linear. História linear significa evolução do homem? Preciso discutir melhor esse assunto com algum colega ou mesmo com o monitor da disciplina para tirar essa dúvida.



REFERÊNCIAS

CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.